

VIAJANTE DO RIO DO TEMPO
Muitas vidas de uma alma

© 2017 – Maria Luisa Vince

Viajante no Rio do Tempo

Maria Luisa Vince

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-398-3
1ª Edição – 2017

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vince, Maria Luisa

Viajante do Rio do Tempo : muitas vidas de uma alma / pelo espírito Bianca / Maria Luisa Vince – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2017.

154 p.

ISBN 978-85-7618-398-3

1. Espiritismo 2. Reencarnação 3. Registros do Akasha I.
Título II. Bianca (Espírito)

17-0801

CDD – 9013

Índices para catálogo sistemático:

1. Reencarnação 133.9013

Pelo Espírito Bianca
Médium: Maria Luisa Vince

VIAJANTE DO RIO DO TEMPO

Muitas vidas de uma alma



“Perdoa as nossas dívidas, assim como
nós perdoamos aos nossos devedores”.

Jesus

Durante cada existência, damos alguns passos adiante; adquirimos algumas qualidades e nos despojamos de algumas imperfeições; cada uma delas é, assim, um novo ponto de partida, em que somos o que nos houvermos feito.

Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão; disso foi punido, seja na vida corpórea, seja na vida espiritual; arrepende-se e se corrige da primeira tendência, mas não da segunda; na existência seguinte, ele será apenas ladrão; talvez grande ladrão, mas não mais assassino; mais um passo adiante e ele será apenas pequeno ladrão; um pouco mais tarde, não roubará mais, mas poderá ter a veleidade de roubar, que sua consciência neutralizará; depois um último esforço, e todo traço da doença moral tendo desaparecido, será um modelo de honestidade.

Allan Kardec – *A Gênese*

Sumário

Palavras da médium	11
INTRODUÇÃO	14
Capítulo 1	
BRASIL – Século XX.....	16
RUSSIA – SÃO PETERSBURGO	
Séculos atrás	32
ATÉ LOGO EM VEZ DE ADEUS.....	54
Capítulo 2	
BRASIL – Século XX	56
Ontem	
PRIMERA RECORDAÇÃO.....	78
SEGUNDA RECORDAÇÃO.....	80
TERCEIRA RECORDAÇÃO.....	89
FIM DE CENA PARA OS DOIS NO SÉCULO XX.....	92
CAPÍTULO 3	
BRASIL - Século XX.....	94
PARIS, Séculos atrás	107
JERUSALÉM – Séculos atrás.....	112
AMSTERDAM – Séculos atrás.....	114
Capítulo 4	
BRASIL – Século XX	116
TIRO, FENÍCIA	

a.C. – Milênios atrás	128
ALEXANDRIA	
a.C. – Milênios atrás	134
VOLTANDO AO SÉCULO XX	137
IDUMEIA	
Séculos a.C.	139
VOLTANDO AO SÉCULO XX	146
Capítulo 5	
CONCLUSÃO	
Palavras de Bianca.....	151

Palavras da médium

Vivemos num Universo em que tudo é ação e reação.

A menos que sejamos dos que pensam que isto não é um **Cosmo** (em grego, *ordem*), mas um **caos**, sem sentido e sem justiça – e nesse caso o que precisamos é pesquisar mais – é forçoso reconhecer que não há meio termo: ou *tudo* que acontece é sempre justo e tem uma explicação, ou é uma bagunça generalizada.

Se houvesse possibilidade de um único acontecimento cair sobre nossa cabeça sem estar pesado e medido na balança de uma impecável justiça cósmica, então o Universo seria insuportável: um reino de injustiça e desordem, do qual nada poderíamos esperar de bom.

Não é assim, felizmente.

Tudo, absolutamente tudo a que costumamos dar – em geral acompanhado de qualificativos amargurados – o nome de *destino*, de fato tem outro nome. Pode ser *colheita*. E na verdade, é *revisão de conteúdo* que não aprendemos na escola da vida.

Ao contrário de nós, que gostamos de punir, a Lei Cósmica só quer ampliar nossa consciência. O Cosmo tem um propósito indesejável: fazer-nos felizes. E vai insistir nisso, não importa o que fizermos. Ele nos ama. Nós somos parte insubstituível dele.

O fototropismo espiritual que atrai imperiosamente as almas para o Grande Sol Central do Universo – Deus – é um processo de irretocável sabedoria.

Os mundos de matéria são só isso – escolas onde todos estamos fazendo um curso único intitulado “Como tornar-se divino”.

O corpo docente – almas formadas em etapas anteriores, portanto sábias e amorosas o suficiente para atuarem como agentes da Lei Suprema – os chamados Mestres Cárnicos, costumam planejar conosco, antes do retorno para outro ano letivo na matéria, os conteúdos mais adequados a nossa promoção.

Normalmente, o que deixamos pendente são conteúdos em que nossa cegueira consciencial só nos deu nota zero ou quase. Então rogamos por favor que nos deixem repetir. “Eu preciso disso, minha consciência exige. Não suporto lembrar do que fiz”. Aí programamos tudo: os reencontros com as almas que fizemos sofrer; os pontos em que falhamos desrespeitando a Lei Eterna; as criaturas detestadas, que decidimos perdoar (se fôssemos sondar as origens disso, haveria mais do que nossa consciência gostaria de ver); enfermidades que são o expurgo de energias deletérias, para sanear nossos corpos internos. E seguimos para o reencarne, convictos de que dessa vez, vai dar certo. NÓS pedimos. Ninguém nos obrigou.

E no devido tempo, as lições se apresentam.

Têm muitos nomes e rostos. Perdas, separações, frustrações, dores, desencantos, relações difíceis, confrontações, doenças, traições, pobreza, infidelidades... A velha lista que não variou desde que o mundo é mundo.

Imediatamente tratamos de rotular: *destino*. Sempre com um qualificativo: ingrato, injusto, cruel. Nós, *vítimas inocentes*.

Esse é o melhor caminho para acrescentar a qualquer sofrimento um ingrediente amargo e desnecessário: a revolta, que tem o dom de potencializar a dor e nos deixar arrasados com o “sem sentido” e a “injustiça” do que nos acontece. A senha para a amargura é o “por que comigo?”

Existe uma vacina que suaviza, retira as farpas da amar-

gura, ajuda a cicatrizar, dá serenidade e nos ajuda a continuar inteiros.

Chama-se *entendimento da lei do carma*.

Com seu consequente: *aceitação*.

Embora não consigamos acessar aquele momento prévio em que planejamos a nossa vida atual, a certeza absoluta de que não somos vítimas de um destino absurdo, de um descuido do Cosmo, um sadismo inútil contra nós – enfim, de que a Justiça Maior é, não um promotor inflexível ou um juiz malvado, mas ao contrário, a guardiã amorosa de nossa alma, nos isenta do desespero.

Não da dor ou do sofrimento normal: não da saudade, da tristeza, da dificuldade, da doença.

Mas da revolta e da raiva, o espinho envenenado que infecciona as feridas da alma e não as deixa cicatrizar em paz. Um peso inútil que não precisamos carregar.

Não se trata de conformismo pueril, mas de coerência.

A perfeição do Cosmo não admite duas leituras: ou o amor e a sabedoria presidem os destinos, ou a bagunça reina. Não há meio termo nem frestas de imperfeição.

No tribunal de nossa consciência – o único instalado no Cosmo – o Supremo Juiz é ao mesmo tempo o nosso Defensor Maior. É o guardião que vela por nossa ventura sideral. Podemos confiar Nele.

Minha carinhosa gratidão aos Amigos Espirituais que participaram da escrita de todo este relato, inspirando, corrigindo, dando vida às cenas que me foram mostradas e colocando nelas as pinceladas de cor. E à permissão superior para que pudesse ser útil, transmitindo o recado de uma alma desejosa de auxiliar.

M. L.V.

INTRODUÇÃO

Este singelo e curto relato foi sugerido pelos Maiores como pequena contribuição ao entendimento da lei cármica, que foi luz do caminho da minha alma na última existência.

Todos os fatos dela, bem como das existências pretéritas de várias épocas, são rigorosamente verdadeiros. Apenas, como se trata de encarnação recente, no século XX, envolvendo pessoas às vezes conhecidas, famílias ainda vivendo da matéria, foi necessário, por respeito a eles, alterar ligeiramente locais, nomes, circunstâncias, para impedir a identificação. Nada dos fatos essenciais foi mudado. Os nomes das encarnações passadas foram conservados.

O propósito de relatar aqui situações cármicas, relacionando-os com suas raízes pretéritas, foi ilustrar o processo de geração dos sofrimentos da alma decorrentes da repetição das mesmas atitudes e comportamentos que não deram certo no passado.

É preciso repassar situações análogas para testar a reação de nossa alma quando submetida às mesmas emoções, para marcar em nosso psiquismo a conquista de um novo patamar de reação, mais sábio e harmonioso. Quebrar o automatismo do hábito emocional. A isso chama-se evoluir.

Não tive, naturalmente, nota ótima nos testes propostos nesse “ano letivo” da última existência. Diz-se por aqui que pou-

cos o conseguem. Mas algumas questões básicas parecem ter sido resolvidas e outras melhoradas. Não fugi da sala de aula como costumava, consegui fazer as pazes com alguns colegas, melhorei levemente a nota em alguns poucos quesitos.

Agradeço profundamente aos Maiores por esta oportunidade de transformar as lições vividas em modesta apostila que, talvez, venha a ter alguma utilidade para companheiros da Escola Terra.

A meu pedido, o relato foi escrito na terceira pessoa. É um recorte da história de uma alma – pouco importa qual, menos ainda um nome. Importa que seja autêntico.

A recepção mediúnica é processo delicado e complexo. Quando não se trata de escrita automática, mas intuitiva, os fatos /cenas /ideias são projetados na mente do médium, que os precisa vestir com suas próprias palavras e certamente com seu estilo próprio. Isso aconteceu aqui. É sempre uma tarefa a quatro mãos e dois cérebros. O essencial é que a mensagem seja dada, os fatos preservados, e possa vir a ser útil para alguém. É o que esperamos sincera e humildemente.

Paz a todos os corações.

Bianca

CAPÍTULO 1

BRASIL – Século XX

Qualquer simples mortal pode servir de mensageiro para Ananke.

Ananke era a personificação, para os gregos antigos, da força cósmica do destino, à qual mesmo os deuses precisavam se curvar. Quando Ananke decide, nada pode impedir que se cumpra a sina de um mortal. Todos os deuses conspiram para que, de alguma forma, o roteiro programado (junto com o próprio interessado) tome forma.

Foi uma aprendiz de pitonisa bem improvável que, naquela tarde, no intervalo de duas aulas, se encarregou de encarnar o arauto de Ananke.

– Que cara é essa, Bianca? Foi a aula do Macedo? Chata mesmo, né? – Danila compensava o tédio resultante de dois períodos seguidos de um tema pesado com um alentado sanduíche e um chocolate quente, na cantina da faculdade.

– É... Chata mesmo... – Bianca suspirou, mexendo o cafezinho.

– Pois olha, eu tenho um convite pra sacudir a chatice. Descubri uma palestra pra gente ir, hoje à noite, que vai te interessar.

– Ah, é? Sobre o quê?

– “Carma – o reverso da medalha”. Que tal?

As duas colegas do curso de História partilhavam uma visão de vida comum; Danila era médium de um centro de umbanda, e Bianca vinha de uma família espiritualista, mãe espírita e pai universalista. Talvez por isso tinham uma relação mais afim que de simples colegas.

– Hum... Não parece novidade – contrapôs Bianca. – Você acha que vale a pena?

– Sim, por causa do palestrante. É um psicólogo, professor da Psicologia, doutor Arnaldo França. Dizem que as palestras dele são geniais. Lota sempre.

– Hum... E onde é? Na Psico?

– Ora, você sabe que por lá nunca iam aceitar um tema desses. Vai ser no auditório da Escola de Música, aquela defronte ao parque, sabe? A diretora é meio espiritualista, emprestou o local.

– Você vai?

– Claro. O Carlos vai me pegar aqui às 19:30h. Vem conosco! A gente pode fazer um lanche antes e ir direto. Avise seus pais. Depois a gente te leva em casa.

E foi assim, meio por “acaso”, que começou devagarinho a se desdobrar o fio do carma, um tecido antiquíssimo que Bianca só viria a compreender plenamente no Outro Lado da vida. Como, aliás, ocorre com todo mundo – raras as exceções.

* * *

Bianca ficou fascinada. Nada de obviedades! O tema, que poderia se prestar a isso, passou longe dos lugares-comuns. Foi fundo na análise dos complexos pré-reencarnatórios, um salto quântico além da etiologia freudiana das neuroses. O palestrante fez jus aos prolongados aplausos finais. Agradeceu com simplicidade, um sorriso simpático e um olhar muito, muito pe-

netrante que percorreu a plateia, talvez em busca de alunos de seu curso. Teria uns 45 anos, pensou Bianca, mas os gestos vivos e o humor que se insinuava volta e meia na sua fala sugeriam menos. O que mais a impressionou foi a voz, de um magnetismo peculiar, suave mas enérgica ao enunciar verdades e informações renegadas pela ciência oficial.

– E então, gostou, Bianca? – quis saber o namorado de Danila na saída.

– Demais. Fiquei impressionada. Precisava ter mais gente assim nas cátedras. Será que ele fala essas coisas lá na Psico?

– Ah, duvido – fez Danila – Sabe como eles são... Mas agora você entendeu por que as palestras dele lotam sempre.

De fato, o público quase não deixara uma cadeira vazia no auditório. Ao saírem, ainda viram um grupo compacto, como uma colmeia zumbindo em torno do palestrante, que atendia a todos pacientemente. Bianca pensara vagamente em ir cumprimentá-lo, mas um pouco por timidez e outro por causa do povo, desistiu.

– Danila, me avise quando houver outra palestra dele, tá?

– Pode deixar.

Mas o homem propõe, e Deus dispõe. Fosse pela correria do último ano – ambas formandas na universidade federal daquela capital brasileira – ou pelos azares do destino, não se apresentou outra ocasião de ouvir o doutor França, embora Bianca nunca esquecesse da impressão causada. Formatura, fim de ano; e depois um concurso de Bianca para o magistério secundário local, o ingresso na vida profissional, e a areia da ampulheta ia se escoando conforme os Mestres Cárnicos haviam determinado.

O rodopio dos dias de juventude, amigos, trabalho, férias, as primeiras viagens, um primeiro namoro com um colega inteligente, alegre, mas meio machista, e os meses foram se enfiando na linha do tempo. O colega de Bianca era querido, carinho-

so, se davam bem, mas... no fundo, ela sabia que não era “ele” (“Ele”, quem? Só sua alma sabia...). Quando acenou com um compromisso sério, ela saiu pela tangente. Acabaram se afastando, como amigos.

Ela não pensava em mudar-se da casa dos pais, como ensaiavam suas amigas na euforia dos anos 60. Eram compreensivos, davam-lhe toda a liberdade... pra quê?

Lecionar era bom. Gostava dos alunos; era mútuo. Divertia-se e os divertia com abordagens vivas da história frequentemente absurda desta humanidade. Tinha a vida pela frente, a intenção de mudar o mundo, e 29 anos algo solitários. Um termo que ela só viria a conhecer décadas depois – incompletude – descreveria o seu mundo íntimo. As amigas a acusavam de ser muito exigente no capítulo rapazes. E era. Todos que lhe passavam perto pareciam insuficientes. Era como se soubesse inconscientemente que não poderia se contentar com menos. Menos que o quê? Nem saberia dizer.

Ávida por aprender, e leitora voraz de quantas obras espiritualistas lhe passassem perto, certo dia foi à universidade pedir um atestado, e por “acaso” tropeçou no fio cármico, estendido diante de uma mesa com folhetos anunciando cursos de extensão no campus. “História das Religiões” lhe atraiu a atenção: seis meses, aulas uma vez por semana, certificado e desconto para ex-alunos. E, na nominata dos docentes, entre um ou outro nome conhecido, aquele que nunca mais encontrara: doutor França. Decidiu-se na hora.

Ananke devia estar sorrindo.

Nos anos 60, entre a – abençoada – onda de orientalismo que se espalhava pelo Ocidente, era usual, junto com incensos, mandalas, viagens à Índia e ao Nepal, morar em comunidades, saias e cabelos longos, paz e amor, e tudo mais, fazer mapa as-

tral. “Aquariuusss!”, cantavam pelos palcos do mundo jovens entusiasmados com a Nova Era... Uma das amigas de Bianca estudava astrologia. Certo dia, comendo bolo integral com chá de jasmim, ela comentara que aos 29 anos havia o tal “retorno de Saturno”. – Como assim?

– É o primeiro momento sério de *baixa do carma* da pessoa. Saturno volta ao seu ponto original no mapa natal, e normalmente algo muito importante sucede, um acontecimento marcante, que pode mudar ou orientar a vida da pessoa.

– Hum...

É claro que Bianca não pensava nisso quando, desfraldando seus esperançosos 29 anos, ingressou animada no curso de extensão.

O curso era bom; eram três professores. Mas nenhum fazia sombra ao doutor França. Ele era enciclopédico, mas não pedante. Sério, muito sério, mas frequentemente fazia sorrir. Tinha uma aura de autoridade, mas a voz mansa com que respondia pacientemente às perguntas mais inócuas, invariavelmente gentil e com muito tempo no final da aula para as questões que se desdobravam, era cativante. Parecia um *gentleman* inglês perdido nos trópicos, com o diferencial de ser acessível e com frequência brincalhão.

Bianca – sua alma – não demorou para um reconhecimento; inconsciente, de início.

Lia tudo que ele recomendava, e acostumou-se a ficar no final da aula entre o grupo que trazia perguntas, desdobramentos, questionava e comentava. À medida que cada um recebia sua resposta, o grupo ia se rarefazendo, o pessoal debandava para casa. Bianca foi se acostumando a ficar por último. Com a invariável gentileza, o profe se voltava para ela, e sorria, já esperando um questionamento difícil, que rendia longos minutos de conversa. Bianca era insaciável na curiosidade, e como lia